

**A luz de um  
vermelho  
entardecer: os  
protestos no  
Chile a partir  
da fotografia  
de Susana  
Hidalgo**

Fernanda Lazaro<sup>1</sup>



**The light of a red  
evening: The  
protests in Chile  
through the  
photography of  
Susana Hidalgo**

---

<sup>1</sup>Fernanda Lazaro. Mestre em Linguística Aplicada pela UFRJ. E-mail: fernandalazaro@id.uff.br.

**Resumo:**

Este artigo tem por objetivo investigar uma relação de retroalimentação entre a formação de uma nova percepção temporal na sociedade chilena e a construção discursiva da popular fotografia de Susana Hidalgo sobre a chamada *La marcha más grande de Chile*. Como ferramentas teórico-metodológicas, proponho um diálogo entre a Análise Multimodal de Discurso de Kress e Van Leeuwen (2006) e as categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa de Reinhart Koselleck (2006). O artigo conclui que a evocação do passado ditatorial na fala do presidente Sebastian Piñera foi decisiva para a formação de uma nova concepção de futuro e, portanto, de uma nova concepção de tempo presente, representados na fotografia.

**Palavras-chave:** Fotografia; *La Marcha Más Grande de Chile*; Análise Multimodal de Discurso; Espaço de Experiência; Horizonte de Expectativa

**Abstract:**

This paper aims to pursue a feedback relationship between the formation of a new temporal perception in Chilean society and the discursive construction of Susana Hidalgo's popular photograph on the so-called *La marcha más grande de Chile*. As theoretical-methodological tools, I propose a dialogue between Kress and Van Leeuwen's Multimodal Discourse Analysis (2006) and Reinhart Koselleck's (2006) categories of space of experience and horizon of expectation. The paper concludes that the evocation of the dictatorial past in President Sebastian Piñera's speech was decisive for the formation of a new conception of the future and, therefore, a new conception of the present time, represented in photography.

**Keywords:** Photography; *La Marcha Más Grande de Chile*; Multimodal Discourse Analysis; Space of Experience; Horizon of Expectation.

## Introdução

*De pie, cantar que vamos a triunfar. Avanzan ya banderas de unidad. Y tu vendrás marchando junto a mí y así verás tu canto y tu bandera florecer. La luz de un rojo amanecer anuncia ya la vida que vendrá.*

Trecho da canção “El Pueblo Unido Jamás Será Vencido” de Quilapayún, cantada durante os protestos no Chile

11

Não foi tanto pela luz de um amanhecer, mas certamente por um vermelho entardecer, com bandeiras a “florescer”, que seria anunciada a chamada “*La Marcha más grande de Chile*”. A passeata do dia 25 de outubro de 2019 foi o ápice de um movimento amplo de protestos sociais no Chile que debilitou profundamente o relato do suposto êxito do modelo de desenvolvimento chileno na América Latina. Segundo Faúndes, “ofuscado por fortes aplausos ao modelo, se gestava um profundo mal-estar que nenhuma cifra macroeconômica refletia. Pensava-se que o que reinava no Chile era paz e progresso. O que realmente havia era um ensurdecido silêncio” (FAÚNDES, 2019, p.55).<sup>2</sup>

Alguns autores como Roberts (2016) e Bugueño e Maillat (2019) defendem que uma nova era política, baseada em questionamentos profundos sobre os pilares sociais do modelo neoliberal, está sendo construída no Chile desde o ano de 2011, quando houve um incremento de movimentos sociais estudantis, ambientais, territoriais, Mapuche, feministas e contra o sistema de pensões. A gestação desse mal-estar é possível sintoma de que o horizonte de expectativa dos chilenos em direção a um modelo ideal de sociedade foi rompido. O mito do “êxito chileno”, fundado sobre uma mistura de políticas econômicas neoliberais e mecanismos jurídico-políticos de moderação institucional e contenção de divergências (FAÚNDES, 2019), está dando lugar a uma nova interpretação de seu tempo histórico.

Segundo Koselleck, “todas as histórias foram construídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (KOSELLECK, 2006, p.306). Nessa abordagem, o tempo histórico pode ser interpretado como

---

<sup>2</sup>No espanhol: “*opacado por los fuertes aplausos al modelo, se gestaba un profundo malestar que ninguna cifra macroeconómica reflejaba. Se pensaba que lo que reinaba en Chile era paz y progreso. Lo que realmente había era un ensordecedor silencio*”. Todas as traduções neste artigo, quando não sinalizadas, são de minha autoria.

## **A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo**

grandeza produzida socialmente pela tensa relação entre duas categorias meta-históricas e antropológicas chamadas “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. O espaço de experiência é a categoria de conhecimento sobre o tempo que elabora os acontecimentos passados. Segundo Koselleck, essa categoria é espacial porque as experiências se aglomeram, se superpõem e se impregnam umas nas outras para elaborar um todo, “em que muitos estratos de tempo anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja referência a um antes e depois” (KOSELLECK, 2006, p.311).

O horizonte de expectativa é uma categoria produzida pelo pessoal e pelo interpessoal, que se volta para o ainda não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Ela está repleta de medo, esperança, angústias, análises racionais e prognósticos de todos os tipos. Estas categorias não são independentes ou opostas, pois elas estão em permanente contato e tensão. Ao retrocederem, esperanças e decepções repercutem nas experiências; as experiências, por sua vez, liberam novos prognósticos e os orientam. Tal qual nos diz Koselleck, “é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico” (KOSELLECK, 2006, p.313).

Ao olharmos para os protestos de outubro de 2019, especialmente a marcha do dia 25 que marca o ápice de convulsão social, ao levar um milhão e duzentas mil pessoas à Plaza Itália, vemos que um novo horizonte de expectativa se descortina no Chile. Os protestos promovem uma interpretação alternativa da sociedade chilena sobre o seu próprio tempo histórico e, conseqüentemente, uma nova *produção* temporal. A fim de compreender como se deu essa tensa relação entre espaço de experiência e horizonte de expectativa durante as manifestações, este artigo analisa um material que possui um importante papel de produção de sentidos para o conjunto de protestos no Chile. Trata-se da popular fotografia digital da atriz Susana Hidalgo, que circulou por milhares de dispositivos móveis e foi capa de jornais nacionais e estrangeiros. Nela (Figura), se centraliza um manifestante empunhando a bandeira da comunidade Mapuche no alto da estátua do general Baquedano, na então ocupada Plaza Itália (HIDALGO, 2019).

Compreendendo que a imagem não é apenas um instrumento de apoio à modalidade verbal, mas, pelo contrário, ela é fundamental na construção de significados necessários à compreensão da vida social (KRESS; VAN LEUWEEN,

2006), este artigo tem por objetivo investigar uma relação de retroalimentação entre a formação de uma nova percepção temporal na sociedade chilena e a construção discursiva da fotografia analisada. Nesse sentido, o presente artigo busca responder as seguintes perguntas: em que medida os elementos semióticos - visuais e linguísticos -, presentes na fotografia de Susana Hidalgo, nos permitem visualizar uma nova construção de futuro e uma reinterpretação política do passado chileno? De que maneira a fotografia e sua legenda, enquanto expressões da ação humana, traduzem e, ao mesmo tempo, reforçam uma nova condição de possibilidade histórica?

Admitindo que os protestos não foram encerrados no dia 25 de outubro de 2019, esse artigo visa criar inteligibilidade sobre um momento-chave das manifestações, reiterando que os movimentos sociais são ações coletivas, produzidas por sujeitos heterogêneos, cujas pautas podem se modificar a cada dia no calor dos acontecimentos (GOHN, 2011). Ao tomar como fonte de pesquisa uma única imagem e sua descrição, busco ressaltar sua potencialidade em retratar, como também transformar as lutas sociais que ocorriam no contexto em que a fotografia foi tirada e que passam pelo olhar da fotógrafa, a atriz Susana Hidalgo. Cabe, portanto, uma ressalva de que não pretendo generalizar o olhar subjetivo da autora sobre a sociedade chilena. A escolha de uma popular fotografia não retira dos sujeitos, bem como do historiador que produz a análise, sua capacidade única de interpretação da fonte. Isso não nos impede de fazer uma análise semiótica sobre o produto de um movimento social, destacando valores que possuem repertório cultural compartilhado e, portanto, forte capacidade de provocar certa produção de sentidos sobre os participantes.

Neste sentido, este artigo se divide em duas seções: a primeira, que analisa a produção discursiva dos protestos a partir de elementos visuais fornecidos pela fotografia e, para isso, se apoia na metodologia de Análise Multimodal de Discurso de Kress e Van Leeuwen (2006). Nesta parte, utilizo as categorias conceituais de “*salience*” (saliência), “*framing*” (enquadramento) e “*information value*” (valor de informação); e a segunda seção, que analisa a legenda que acompanha a imagem de Susana Hidalgo por meio das categorias conceituais de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” de Reinhart Koselleck (2006). Nesta parte, busco compreender em que medida a legenda da fotografia cria soluções possíveis, relacionando passado (“o horizonte de expectativa” e seus recortes de dados da

## A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo

história política chilena) e futuro (o “espaço de experiência” e seus temores, esperanças e projeções racionais).

Este artigo propõe um diálogo entre a metodologia da análise multimodal de discurso (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) com as categorias conceituais de Reinhart Koselleck (2006). Busco um encontro entre ferramentas teórico-metodológicas do campo de estudos de linguagem com o campo de estudos de História. Para isso, tomo a fotografia de Susana Hidalgo (2019) como a captura subjetiva de um quadro de mal-estar generalizado, que se justifica pela alteração da percepção dialética da sociedade chilena sobre o seu tempo histórico. Esta percepção temporal, por sua vez, é guiada por categorias de conhecimento sobre o tempo, que dirigem as ações humanas no movimento social e político. Como define Koselleck, “as condições de possibilidade da história ‘real’ são, ao mesmo tempo, as condições de seu conhecimento” (KOSELLECK, 2006, p.308).

14

### Um olhar sobre a fotografia e seus elementos proeminentes



Figura 1: Fotografia e sua legenda reproduzidas do Instagram de Susana Hidalgo.  
Fonte: Susana Hidalgo.

A fotografia de Susana Hidalgo foi postada no dia 25 de outubro de 2019 em seu perfil do Instagram (figura) e é a segunda de uma sequência de três imagens. A atriz Susana Hidalgo é natural da comuna de Ovalle no Chile, e, mais tarde, se mudou para a capital onde ingressou na Universidad Mayor para estudar atuação e teatro. É atriz de teatro, cinema e televisão e suas redes sociais são marcadas por um destacado engajamento em causas sociais. As postagens incluem causas principalmente feministas, mas também ambientais, indígenas e de classe. Em uma rápida olhada em seu Twitter, podemos visualizar imagens de apoio à arte e à cultura, campanhas contra a violência de gênero e violações aos Direitos Humanos, postagens denunciando assassinatos de mulheres durante a ditadura, *tweets* a favor de uma nova Constituição no Chile, e a favor da paridade de gênero na escrita desta Constituição, entre outros exemplos. Trata-se, portanto, de uma personalidade sensível à agenda dos temas políticos da sociedade chilena, o que nos dá algumas pistas sobre seus possíveis interesses no processo de produção da fotografia.

Como uma das espectadoras desta fonte, quando a visualizei em meu *feed*, o que me chamou a atenção imediatamente foi a posição do objeto que a fotógrafa pretendeu enquadrar. No centro da fotografia (HIDALGO, 2019), o manifestante se eleva em relação à multidão, estende os braços para o ar, enquanto segura uma bandeira que parece flutuar em uma nuvem de fumaça, configurando os elementos em destaque na fotografia. Ou seja, aqueles que são os principais responsáveis por criar a carga afetiva que geraria esta ampla e rápida circulação nos veículos de imprensa e nas redes sociais.

Sobre este recurso, Kress e Van Leeuwen (2006, p.177) o chamam de *saliency* (saliência), ou seja, os elementos proeminentes, cujo “peso” visual é maior em relação aos outros elementos da imagem. Elementos altamente salientes, como no caso do manifestante e sua bandeira, são posicionados geralmente do centro para o topo da foto. Esta construção parte da captura de um centésimo de segundo específico em que a bandeira Mapuche se abre sob o fundo de um céu avermelhado e revela um jogo entre o enquadre da autora, a luz do dia e a ação dos manifestantes. O resultado é a projeção da bandeira de uma comunidade indígena (de listras verde, vermelha e azul, com desenho circular amarelo no centro) em posição superior à das bandeiras nacionais do Chile (de cores azul, branca e vermelha). Esse

## A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo

enquadramento possui uma carga ideológica, que se apoia sobre um símbolo de resistência anticolonial e o coloca no centro político das manifestações.

Tal carga ideológica é compreensível quando tratamos da contextualização criada nesta fotografia. Ou seja, o *framing* (enquadramento) dado pela seleção da imagem do que deve ou não deve estar dentro de suas fronteiras (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.177). Trata-se oficialmente da “*Plaza Baquedano*” em Santiago do Chile, popularmente conhecida como “*Plaza Italia*”, que passou a ser reivindicada como “*Plaza de la Dignidad*” pelos manifestantes<sup>3</sup>. A fotografia enquadra especificamente seu centro, onde se encontra a estátua militar do general Baquedano, um espaço que foi cotidianamente ocupado e disputado, tanto pelo uso de placas renomeando a praça, quanto pela inscrição de palavras como “asesino”, “dictadura” e “Piñera asesino”.

O general Manuel Jesús Baquedano González é conhecido na história do Chile por ter sido comandante em chefe da Guerra contra a Confederação Peru-Bolívia, da Guerra do Pacífico e presidente provisório do Chile em 1891. Ainda como tenente do exército, participou da Ocupação da Araucanía (1860-1883), que implicou na conquista de um espaço ocupado historicamente pelos povos Mapuches. Contra o levantamento indígena liderado por Quillapán e outros caciques Mapuches, Baquedano foi requerido pelo general José Manuel Pinto Arias para o enfrentamento na região de Malleco e Renaico. Por seus serviços militares na Araucanía, recebeu como prêmio a liderança do regimento “Cazadores a Caballo” em 1869 (ALJARO, 2018). Esta guerra foi fundamental para garantir um antigo projeto de Estado do Chile de anexação de parte do território sul desde a colonização. Com efeito, o povo Mapuche foi despojado de suas terras ancestrais e restringido a pequenas reservas, chamadas de “reduções” (BENGOA, 2011).

Atualmente, os Mapuches habitam zonas rurais e algumas cidades do país e são considerados um povo em “diáspora” (MARIMÁN, 1997), pois a dominação colonial levou a uma ampla dispersão dos povos originários. Ela afetou fundamentalmente suas bases sociais e epistemológicas - sua cultura, seus saberes,

---

<sup>3</sup> Parte da sociedade chilena lançou uma campanha nas redes sociais para mudar o nome de “Plaza Italia” para “Plaza de la Dignidad” no aplicativo do Google Maps. Devido ao alto número de solicitações de edição, o aplicativo modificou automaticamente o nome para “Plaza de la Dignidad” no dia 11 de novembro de 2019. No dia seguinte, o Google Maps alterou novamente o nome da praça para “Plaza Italia”. (LEPE, 12 nov. 2019).

suas dinâmicas próprias e seu acesso à terra. Sobre uma breve história do povo Mapuche, Bengoa (2011) descreve que:

Os Mapuches são o povo indígena mais numeroso do Chile. Quase um milhão de pessoas se consideram membros dessa cultura. A história do país é inseparável da história Mapuche. Os espanhóis os chamavam de araucanos e o vocativo se tornou famoso no poema *La Araucana*, do poeta Alonso de Ercilla e Zúñiga. Após a chegada dos espanhóis, eles habitavam um território enorme, desde os vales ao norte da atual capital do Chile, Santiago, até onde começam as ilhas do sul, o arquipélago de Chiloé. Hoje, eles vivem em comunidades rurais no sul do Chile e, em menor grau, no sul da Argentina, e muitos migraram para as cidades. É um povo com uma identidade forte e que mantém viva a maioria de suas tradições e sua língua. (BENGOA, 2011, p.90)<sup>4</sup>.

Neste sentido, a apropriação do espaço da estátua na fotografia subverte a história oficial do Chile. No alto do monumento que homenageia um general participante de campanhas de extermínio contra a comunidade Mapuche, está a própria bandeira Mapuche, que também está acima das bandeiras do Estado Nacional chileno. A posição dos dois lados da guerra, entre vencedores e vencidos, é invertida na imagem de Susana Hidalgo. Como causa e consequência deste momento, apropriaram-se da bandeira de um povo, cujo passado remonta a uma série de lutas indígenas, como símbolo de manifestação política.

A força da causa indígena nos dias que se sucederam ao protesto e à circulação da fotografia pôde ser observada pela repetição das palavras “Mapuche” e “Mapuche libre”. Em outras contas se multiplicaram hashtags envolvendo essas palavras, bem como imagens de manifestantes portando a bandeira indígena. Algumas destas citações foram publicadas fora da capital chilena, em Valdivia (local de concentração de parte do povo Mapuche), convocando manifestações em torno do aniversário de assassinato de Camilo Catrillanca, agricultor Mapuche assassinado pela polícia carabineira em 2018. Em meados de novembro, sua foto foi uma das afixadas no pedestal da estátua.

---

<sup>4</sup> No espanhol: “Los Mapuches son el pueblo indígena más numeroso de Chile. Casi un millón de personas se consideran miembros de esa cultura. La historia del país es inseparable de la historia Mapuche. Los españoles los denominaron araucanos y la voz la hizo famosa en el poema de *La Araucana*, del poeta Alonso de Ercilla y Zúñiga. Habitaban a la llegada de los españoles un enorme territorio desde los valles al norte de lo que hoy es la capital de Chile, Santiago, hasta donde comienzan las islas del Sur, el Archipiélago de Chiloé. Hoy, habitan en comunidades rurales en el sur de Chile y en menor medida en el sur de Argentina y muchos han migrado a las ciudades. Es un pueblo con una fuerte identidad y que mantiene vivas la mayor parte de sus tradiciones y su lengua”.

## A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo

É preciso chamar a atenção, contudo, para as contradições da sociedade chilena em relação ao apoio à luta do povo Mapuche. Bengoa denuncia que uma marca da emergência das causas Mapuche neste século é a dificuldade de aceitar a ideia de que “se trate de um povo com direitos específicos e diferenciados em relação aos chilenos” (BENGOA, 2011, p.92). Enquanto circulam discursos de valorização da prataria araucana, de certos tecidos e artigos de valor arqueológico, o Estado segue uma atuação política de incorporação econômica destes grupos à civilização criolla. São, portanto, discursos que assumem, de um lado, viés celebratório e, de outro, ocultam uma violência epistêmica histórica da sociedade chilena (BENGOA, 2011). Assim, precisamos acompanhar com certa cautela para não celebrarmos discursos de incompreensão das causas indígenas, durante as manifestações.

Para além da estátua, o enquadramento da fotografia direciona nosso olhar para o horizonte. Atrás do manifestante, da estátua, da bandeira e dos sujeitos na base da fotografia, está o horizonte, para onde o principal elemento da fotografia (saliência) - o manifestante com a bandeira -, direciona o olhar. A imagem do horizonte possui carga metafórica de utopia, através da qual vislumbramos o novo e repensamos as possibilidades de construção da história. Koselleck entende horizonte como “a linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado” (KOSELLECK, 2006, p.311). É também conhecida a frase de Fernando Birri na obra de Eduardo Galeano, sobre a janela da utopia:

Ela está no horizonte – disse Fernando Birri –. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar (GALEANO, 2001, p.230)<sup>5</sup>.

Trata-se, portanto, de uma relevante construção metafórica da autora, reconhecida pela própria alguns dias depois, ao descrever o momento em que tirou a fotografia: “me aproximei e exatamente depois que passou um helicóptero ao longe, e por cima de todos, esse homem levantou seus braços para o céu e ficou assim durante alguns segundos. Respirava, parecia que observava o horizonte” (HIDALGO, 29 out. 2019). Cabe destacar que a produção de significados pelas imagens não

---

<sup>5</sup> No espanhol: “Ella está en el horizonte —dice Fernando Birri—. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar”.

possui relação de correspondência automática entre signos e um suposto mundo externo. A imagem também constrói sentidos por meio de metáforas, assim como os sistemas de signos linguísticos.

A carga metafórica do horizonte, por sua vez, não está delimitada apenas pelas linhas de enquadramento da fotografia. Abaixo deste horizonte carregado de nuvens que cobrem o céu, vislumbramos a zona mais luminosa da imagem. Conferidos pelo entardecer da praça, os tons de vermelho, amarelo e laranja são cores que, em nosso histórico cultural, apontam para um repertório de agressividade incendiária. Soma-se ainda a essa construção, a espessa fumaça que se eleva da queimada de prováveis barricadas, compondo uma imagem que produz cargas de magnitude e de convulsão, em um palco concreto de disputa entre grupos sociais.

No mais, é preciso chamar a atenção para o sistema de interação e representação de *information value* (valor de informação), que trata da disposição dos elementos da fotografia (a relação entre os participantes, os sintagmas e o espectador) nas várias zonas da imagem: esquerda e direita, topo e base, centro e margem (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.177). Quanto à relação com o espectador, por exemplo, este recurso nos permite mostrar os efeitos possíveis, caso estejamos próximos ao objeto representado ou se estabelecemos contato visual com ele. Como a autora era parte daquele movimento, a fotografia assume um caráter, ao mesmo tempo de contemplação, como também de participação. Isto ocorre porque, enquanto espectadores, apesar de não estabelecermos contato visual direto com os sujeitos representados, estamos no meio deles. Nossa posição se encontra no meio da multidão, que parece subir em direção à estátua. Nesse sentido, o caráter de impessoalidade pelo afastamento com o centro da fotografia se reveza com a conexão estabelecida pelos sujeitos representados abaixo da estátua.

E pelo recurso da vista frontal, a autora nos coloca ainda mais próximos aos acontecimentos. Nós não podemos ver o rosto do manifestante, que pode representar qualquer um, mas vemos a bandeira de frente e no alto. Observamos o monumento e o manifestante de costas, mas estamos de frente para a bandeira, que olhamos de baixo. Seguimos como espectadores na parte de trás da cena, como que guiados pelo signo frontal da bandeira.

Na dimensão vertical da perspectiva e do ângulo da fotografia, o recurso utilizado é a direção de baixo para cima. Isto é, o espectador assume a visão de

## A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo

alguém que observa de baixo um sujeito que está superior à sua visão. Tal recurso, descrito por Kress e Van Leeuwen (2006), é muito comum para criar uma sensação de grandeza sobre o objeto representado, enquanto o espectador se sente menos poderoso em relação ao centro da imagem. A sensação transmitida é de algo que se projeta sobre os manifestantes e sobre os espectadores, de algo que se eleva sobre a estátua do general Baquedano.

### A legenda da fotografia: espaço de experiência e horizonte de expectativa

Além da fotografia, é preciso atentar para a descrição verbal que a acompanha, pois, junto com a imagem, a palavra compõe a mensagem. Segundo Kress e Van Leeuwen (2006), não é possível separar os elementos verbais dos visuais, ou hierarquizar um sobre o outro quando um texto utiliza ambos, pois eles se influenciam mutuamente. Abaixo, as palavras da autora, publicadas juntamente com a fotografia em sua rede social:

Re-evolución 25/10/2019

Esto no se trata de colores políticos, se trata del amor profundo que tenemos por el territorio que habitamos, nuestra gente y su cultura. Estamos más unidos que nunca. No lo perdamos. Chile pide a gritos ser escuchado y respetado. Chile no quiere ser abusado. Chile quiere amor. Chile quiere justicia. Chile quiere oportunidades. Chile quiere dignidad. Chile no quiere más desigualdad. No nos hagamos los sordos y ciegos. LA VIOLENCIA NO ES UNA BUENA RESPUESTA. NO EN CONTRA DE TU PUEBLO!!!! Seguiré marchando PACÍFICAMENTE 🙏 NO BAJEMOS LOS BRAZOS, NO PERDAMOS LA ESPERANZA ! DIÁLOGO. ACUERDO. JUSTICIA. DIGNIDAD. [#chiledespertó](#) ! Gracias Santiago por este hermoso atardecer. [#noestamosenguerraestamosunidos!!](#) [#nomasabusos](#) [#nomasviolencia](#) [#dignidad](#) [#justicia](#) [#libertad](#) [#respeto](#) [#unión](#) (HIDALGO, 2019, não paginado).

A estrutura textual da legenda de Susana Hidalgo é composta por um título, um breve corpo de texto e um uso final expressivo de *hashtags*. Os elementos que pedem mais destaque na análise são o título e as *hashtags*: o título comumente resume a tese do texto, que também está vinculada à imagem; já as *hashtags* são palavras prefixadas pelo símbolo # e possuem poder de contágio comunicacional e de indexação de valores para um determinado evento social<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> As *hashtags* possuem variadas funções segundo algumas pesquisas empíricas. Elas podem tanto servir para categorizar uma postagem, quanto para etiquetar um conteúdo que tenha relação com eventos especiais ou outros sites de mídia social (KYWE; HOANG; LIM et.al, 2011). Elas também

Quanto ao título, este se resume a um único signo: “re-evolución”. O conceito de “revolução” (nesse caso, marcado pela separação entre prefixo e radical), é inquestionavelmente polissêmico, tanto no terreno científico, quanto cotidiano. O próprio Koselleck (2006) estudou a história do conceito político de “revolução” na Europa e mostrou sua variação ao longo do tempo. No século XVII, era frequentemente usado para significar uma mudança de trajetória, mas, nesse caso, como movimento cíclico de retorno ao ponto de partida inicial. A partir da Revolução Francesa, o conceito de revolução conduz a um futuro “a tal ponto desconhecido, que conhecê-lo e dominá-lo tornou-se uma contínua tarefa da política” (KOSELLECK, 2006, p.69).

Neste sentido, o título pode ser lido através de forte conotação de transformação em direção ao futuro, e particularmente um futuro “melhor”, porque a autora escolhe destacar a palavra “evolução” de seu prefixo. Esta escolha lexical remete à construção do horizonte de expectativa da autora, que guia a produção de sua fotografia. Koselleck (2006) define o horizonte de expectativa como uma possibilidade de descoberta do futuro que não pode ser experimentada. Apesar dos prognósticos serem possíveis, o horizonte de expectativa é definido como “limite absoluto” (KOSELLECK, 2006, p.311). Trata-se dos desejos, esperanças e temores que projetamos para o futuro. Como já trabalhamos na seção anterior, esta produção discursiva da legenda dialoga com os elementos visuais analisados, cuja metáfora do horizonte é parte importante de seu enquadramento.

Quanto às hashtags, vemos a marcação desse horizonte de expectativa na primeira hashtag mencionada: #chiledespertó foi uma palavra de ordem usada nas ruas e nas redes sociais. Assemelha-se bastante à construção da frase “O gigante acordou”, popularizada nos protestos de junho de 2013 no Brasil. No caso chileno, o signo “despertar” possui valor metafórico inaugural, como algo que sai de um estado de torpor ou inércia, neste caso um país inteiro, para readquirir força ou atividade. A frase, portanto, engaja por um agenciamento coletivo em direção a uma nova

---

podem ser um recurso que facilita a conversação entre os usuários, já que torna facilmente pesquisável uma postagem feita por outros usuários relevantes (HUANG; THORNTON; EFTHIMIADES, 2010). Para alguns autores, as *hashtags* possuem, inclusive, caráter afetivo, agindo como discurso de emoções em contextos de movimentos sociais: “elas podem transmitir emoções associadas principalmente a demandas políticas, solidariedade, unidade, ódio, frustração e insatisfação” (LEE; CHAU, 2018, p.21).

## A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo

possibilidade de construção de sociedade. Mexe, portanto, com as expectativas de futuro de uma geração.

Esta construção de futuro, contudo, só é possível porque está relacionada a uma reinterpretação do passado. Em seguida, outra hashtag popular nas ruas e nas redes sociais é indexada pela autora: #noestamosenguerrestamosunidos. Esta frase possui destaque em sua narrativa, pois circulou amplamente durante os protestos e marca a relação da autora e de outros manifestantes com o passado chileno. Ela faz referência a dois pronunciamentos: o de Augusto Pinochet no golpe militar de 1973, que citou a máxima “¡estamos en guerra, señores!” (ZÁRATE, 2010); e o do presidente Sebastián Piñera, que utilizou a mesma frase quatro décadas mais tarde, ao decretar toque de recolher para a população chilena.

A exemplo do pensamento militar latino-americano da época e do treinamento estadunidense da Escola das Américas, os governos da Junta Militar e de Pinochet foram marcados pela teoria da contra insurgência, cujo eixo residia na noção de subversão. Para isso, construía uma leitura maniqueísta da realidade, localizando a ameaça da sociedade na expansão do “marxismo” (era utilizado especificamente o termo “marxismo”, enquanto outras ditaduras do Cone Sul falavam mais amplamente em “comunismo”). Os movimentos de esquerda seriam, então, caracterizados como “inimigos internos”, cujo objetivo seria “conquistar a população” pelo “controle das mentes” (ZÁRATE, 2010, p.168). A resposta foi o uso da “guerra total”, assumindo uma dimensão irregular, pois era “política, econômica e psicossocial e apenas em último termo militar<sup>7</sup>” (ZÁRATE, 2010, p.168).

Assim, quando o presidente Sebastián Piñera pronunciou em televisão aberta que “estamos en guerra, contra un inimigo poderoso, implacable, que no respeta a nada e a nadie”<sup>8</sup>, se referindo aos manifestantes, ele mexeu com o espaço de experiência da sociedade chilena. Ao se referir criminosamente a civis que protestavam contra a elevação das tarifas do metrô na cidade de Santiago, Piñera revolveu o aglomerado de recordações que compõem a experiência coletiva em relação ao período ditatorial. Este aglomerado, por sua vez, não é cronologicamente mensurável. A experiência “salta por cima dos tempos” (KOSELLECK, 2006, p.311),

<sup>7</sup> No espanhol: “política, econômica y psicossocial, y solo en último termino militar”.

<sup>8</sup> Retirado de: MEGANOTÍCIAS. *Presidente Piñera: "Estamos en guerra contra un enemigo poderoso"*. Youtube, 21 out. 2019 (11m42s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r8BrqEDLEIs>. Acesso em: 24 nov. 2011. Esse pronunciamento foi feito no dia 21 de outubro de 2019.

tal qual a metáfora do olho mágico da máquina de lavar, que distribuiu e seleciona peças mais proeminentes que outras.

A resposta a essa atitude de violação dos direitos humanos aparece destacada no corpo do texto de Susana Hidalgo: “LA VIOLENCIA NO ES UNA BUENA RESPUESTA. NO EN CONTRA DE TU PUEBLO!!!! Seguiré marchando PACÍFICAMENTE. NO BAJEMOS LOS BRAZOS, NO PERDAMOS LA ESPERANZA !” (HIDALGO, 2019 – destaques da autora). O uso do recurso da caixa alta marca um valor expressivo de indignação produzido neste trecho. O tema aparece no desfecho do corpo do texto, como a conclusão de sua tese, e é reforçado pelo uso das *hashtags* #nomasabusos e #nomasviolencia. Nessa construção discursiva, é feita uma separação entre o signo do “povo” e o agente oculto da violência (sejam as forças policiais, o presidente ou, de forma ampla, o Estado). “No bajemos los brazos” posiciona a autora afetivamente ao lado daqueles que também experimentaram as ameaças à sua liberdade<sup>9</sup>.

Nesse sentido, a enunciação de medidas autoritárias pelo presidente Piñera seria, então, o acontecimento fundamental para romper o horizonte de expectativa de um futuro “melhor”, de progresso e de desenvolvimento para o Chile. Se tomarmos a estrutura política e econômica do Chile, trata-se de um modelo de país fundado desde o pacto de transição democrática. Por muitos anos, esse modelo foi caracterizado por um relato de desenvolvimento ideal para a América do Sul, principalmente por tomarem como base o Índice de Desenvolvimento Humano do Chile, o mais alto da região (PNUD, 2019). Esse relato costumava ser seguido de um enaltecimento do modelo neoliberal da Escola de Chicago implementado por Augusto Pinochet e da organização jurídico-política do país, que também foi gestada durante a ditadura (FAÚNDES, 2019).

No texto de Hidalgo, vemos essa perspectiva otimista sobre o futuro político-social do Chile se dissipar. No corpo do texto, o trecho “*Chile quiere oportunidades. Chile quiere dignidad. Chile no quiere más desigualdad*” marca uma produção discursiva voltada para o questionamento de problemas sociais. Soma-se a isso, o uso destacado dos signos “DIÁLOGO”, “JUSTICIA” e “ACUERDO” em caixa alta,

---

<sup>9</sup> Segundo Gisletti e Montero (2020), a extensão da violência do Estado chileno, durante os protestos, produziu um saldo espantoso de: “26 mortos; mais de 200 pessoas com danos oculares por lançamentos de projéteis de forças repressivas, 3 casos onde perderam a totalidade da visão; 93 casos de violência político-sexual contra mulheres, meninas, meninos e dissidências sexuais; 2.670 denúncias por violação aos direitos humanos, a feroz repressão empregada por carabineiros, PDI e militares” (GISLETTI & MONTERO, 2020, p.2, tradução minha)

## A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo

como expressão de um desejo. São signos essenciais para o vocabulário discursivo de um regime democrático, porque envolvem noções de liberdade de expressão e igualdade civil. Ao pedir por esses valores, o texto denuncia uma possível insustentabilidade da democracia chilena. Junto com os elementos visuais analisados – o enquadramento de um cenário de ocupação coletiva das ruas –, o texto usa frequentemente a apelação (por meio de palavras de ordem) para reafirmar a necessidade de retomar valores da democracia e repensar um modelo de país.

Apesar de o texto não dissertar sobre o que ele quer dizer efetivamente com “desigualdade”, “oportunidade” e “dignidade”, podemos olhar para o mal-estar que se passa na sociedade chilena e pelos debates que foram levantados durante e logo após os protestos. Um destes temas é a Carta Constitucional do Chile, um legado da ditadura, cuja legitimidade foi profundamente desafiada. A Constituição tem gerado embates em vários dos seus tópicos, principalmente no que toca à questão do regime de previdência privada, reflexo da herança neoliberal ortodoxa de Pinochet.

Cabe lembrar que o sistema de pensões chileno é gerido por administradoras privadas (as Administradoras de Fondos de Pensiones - AFP) e se baseia na capitalização individual. Ele funciona de maneira que o trabalhador formal deve depositar mensalmente e obrigatoriamente uma porcentagem equivalente a 10% de seu salário, mais uma porcentagem para pagar a comissão da AFP por gerir sua conta e outra porcentagem para ter acesso a um Seguro de Invalidez e Sobrevivência (SIS)<sup>10</sup>. Na prática, este regime é marcado por uma forma extremamente excludente de alocação dos recursos, já que um grande montante da economia recebida das pensões dos trabalhadores é usado pelas AFPs para investimentos em grandes grupos nacionais e estrangeiros de capital privado (CARRASCO; STRAJILEVICH, 2019)<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Informações obtidas por meio do sítio institucional da Superintendencia de Pensiones do Chile: <https://www.spensiones.cl/portal/institucional/594/w3-propertyvalue-9897.html>. Acesso em 15 abr. 2020.

<sup>11</sup> Para os pensionistas, um estudo sobre a opinião e percepção do sistema de pensões no Chile concluiu que 71% afirmava que a pensão recebida não era suficiente para satisfazer suas necessidades. Quando se trata de pessoas de renda mais baixa, esse nível chega a 76% de insatisfação dos pensionistas, tanto para mulheres, quanto para homens (STATCOM, 2014, p.59-60). O movimento “No más AFPs” tem denunciado esse modelo, defendendo um sistema de pensões de pagamento solidário, tripartido e administrado pelo Estado.

Segundo Gisletti e Montero (2020), a previdência se insere em um quadro maior de abandono social, que por três décadas organiza a sociedade chilena, e progressivamente precariza os serviços públicos, em favor da iniciativa privada:

Os governos pós-ditadura acentuaram as desigualdades sociais e consolidaram um modelo econômico herdado da última ditadura civil-militar de Pinochet, que estabeleceu uma classe político-empresarial que saqueou sistematicamente o território e seus habitantes através da privatização de serviços básicos, impondo flexibilidade de mão-de-obra, tornando os empregos precários, mantendo salários e pensões miseráveis que, em média, não atingem US\$ 200 por mês, financiando com recurso público 60% de um sistema de saúde privado que cuida apenas de 15% da população, enquanto a maioria morre em salas de emergência hospitalares ou entra em longas listas de espera que, durante anos, precisa esperar pacientemente por tratamento ou cirurgia (GISLETTI; MONTERO, 2020, p.01).<sup>12</sup>

A previdência privada é, portanto, um tema que toca fortemente as perspectivas de futuro de uma geração. Se por três décadas a sociedade chilena passou por um processo paulatino de redução da qualidade de vida, um aglomerado de experiências de pauperização se juntou gradativamente na memória coletiva (alguns grupos sociais mais sensíveis que outros), dando material para o possível o surgimento de um temor pessimista de futuro. A alteração na relação entre passado e futuro, por sua vez, só se concretizou porque houve uma desproporção nas medidas de violência promovidas pelo presidente Sebastián Piñera.

Ao decretar “estado de emergência” com toque de recolher e consubstanciar esta medida retomando a teoria da contra-insurgência, Piñera criou uma experiência política inesperada na sociedade chilena. A violação ou a potencial violação por agentes do Estado, apoiados em mecanismos legais de exceção, rompeu abruptamente com o horizonte de expectativas que prometia um modelo democrático, em vias de progresso. A normatização escancarada do autoritarismo na democracia, cuja trajetória percorreu anos de trabalho em comissões da verdade<sup>13</sup>, destampou

<sup>12</sup> No espanhol: “los gobiernos pos-dictadura agudizaron las desigualdades sociales, consolidaron un modelo económico legado de la última dictadura cívico-militar de Pinochet que estableció una clase político-empresarial que sistemáticamente ha saqueado al territorio y a sus habitantes por medio de privatizaciones de los servicios básicos, imponiendo la flexibilidad laboral, precarizando los trabajos, manteniendo sueldo y pensiones miserables que en promedio no llegan a los 200 dólares mensuales, financiando con el erario público el 60% de un sistema de salud privado que solo atiende al 15 % de la población, mientras que la mayoría muere en las salas de urgencia de hospitales o engrosan largas listas de espera que durante años pacientemente deben aguardar para tratarse u operarse”.

<sup>13</sup> Apenas alguns meses após o fim da ditadura, o presidente Patricio Alwyn criou a *Comisión Nacional de Verdad e Reconciliación*, a Rettig, que produziu um relatório em 1991, reconhecendo 2.279 pessoas mortas por causa do regime (entre 1973 e 1990), embora houvesse críticas, como a não identificação de todos os sobreviventes, vítimas de tortura e repressão, como partes do quadro de transparência.

## A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo

memórias de descontentamento, que mais tarde culminariam na campanha propositiva por outra Constituição. Ao reconfigurar o aglomerado de experiências, revisam-se as expectativas, ao revisar as expectativas, reconfiguram-se as experiências. Segundo Koselleck:

Só pode surpreender aquilo que não é esperado. Então, estamos diante de uma nova experiência. Romper o horizonte de expectativa cria, pois, uma experiência nova. O ganho de experiência ultrapassa, então, a limitação do futuro possível, tal como pressuposta pela experiência anterior (KOSELLECK, 2006, p.313).

Na relação entre o fantasma do passado ditatorial, revivido nas palavras do presidente, e um futuro não mais sustentável de “êxito” econômico e político, surge, portanto, este tempo presente, interpretado por Hidalgo de maneira pessimista. Assim, entre a recordação e a esperança, a autora interpretou o tempo em que vive, para agir diretamente sobre ele. A experiência e a expectativa dos sujeitos criam, portanto, condições para que as histórias sejam possíveis.

No mais, cabe destacar a abertura do texto com as palavras “no se trata de colores políticos” por uma pessoa extremamente engajada nas causas político-sociais. Hidalgo parece se valer de uma estratégia retórica para generalizar as demandas dos protestos, reforçando os valores de união e organicidade. A frase seguinte ajuda a corroborar esta leitura de seu texto: “estamos más unidos que nunca. No lo perdamos”. O próprio recurso de personificação de um país (Chile pide / Chile quiere / Chile no quiere) é comumente utilizado por aqueles que buscam em um só movimento abrandar divergências para depois alargar valores e opiniões como demandas gerais. Isto é, criar consenso.

### Conclusão

Para além de um instrumento de interpretação dos protestos, este artigo destacou o caráter de potencialidade da fotografia de Susana Hidalgo em produzir significados relacionados a uma nova interpretação temporal. Conforme circulava por

---

Em 2004, o Chile instaurou a *Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura*, a Valech, ampliando medidas de assistência e reparação a vítimas de violação aos Direitos Humanos. No âmbito penal, os relatórios produzidos por estas comissões possibilitaram, posteriormente, a abertura de processos contra Pinochet e seus principais colaboradores (SEPÚLVEDA, 2014).

milhares de dispositivos móveis e capas de jornais, a fotografia retratou, mas também transformou o movimento, continuou a fomentá-lo, deu-lhe significados novos.

Em seus aspectos visuais, a fotografia foi capaz de traduzir um sentimento de subversão da história oficial do Chile, cuja luta contra um Estado que discrimina, violenta e abusa desde o período colonial parecia estar na ordem do dia das manifestações. Sua atração reside principalmente na capacidade de misturar contemplação com proximidade, por nos fazer sentir parte de algo grande, do qual estamos afastados do centro-topo, mas, ao mesmo tempo, próximos da base, onde está o coletivo humano. Essa aparência de convulsão e de luta social assume na fotografia um ar de agressividade, produzido pela mistura da luz avermelhada do dia, do olhar da fotógrafa e da ação dos manifestantes naquele centésimo de segundo em que a foto foi tirada.

Chamou a atenção também o enquadramento do horizonte, enquanto signo metafórico para compor a mensagem. O horizonte é elemento em destaque na fotografia, pois todos os signos em saliência estão apontados para sua direção. Trata-se, portanto, de uma produção discursiva que evidencia um cenário direcionado para um futuro desconhecido, em vias de ser construído. O enquadramento do horizonte e sua relação com os outros signos compõem uma visão particular da Filosofia da História enquanto totalidade aberta - posição que também seria corroborada pelo título “re-evolução”.

Quanto à descrição da legenda da fotografia, concluí que a evocação do passado ditatorial na fala de um presidente eleito por um regime formalmente democrático, foi responsável por destampar um mal-estar generalizado, que entrelaça passado e futuro. A fala inesperada de Piñera tem eco responsivo na legenda de Hidalgo, cuja descrição do espaço de experiência retoma uma máxima da ditadura para depois criticá-la. A hashtag #noestamosenguerrestamosunidos respondia criticamente ao discurso de criação de “inimigos internos”, que retomava a teoria da contra-insurgência das décadas de 1960 e 1970 na América Latina. O caráter autoritário assumido pelo governo de Sebastian Piñera se resvalou de forma contrária. Em vez de garantir a “ordem”, ele mexeu no aglomerado de experiências de resistência à ditadura, fundamentais para produzir novas utopias.

O sistema de pensões, que mexe profundamente com as expectativas de futuro de uma sociedade, também é chave importante para entendermos essa

## **A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo**

relação. A experiência e a expectativa de gerações, especialmente a dos pensionistas que viveram diretamente sob a ditadura, explica a frustração social sobre as limitações do tempo presente em fornecer uma vida digna. Entre a promessa insustentável do “êxito” chileno e a concretude do aparato jurídico montado para a execução da violência das forças policiais, a compreensão sobre o tempo presente seria reformulada.

Nesse sentido, o artigo buscou abrir novas possibilidades de discussão entre as ferramentas teórico-metodológicas da análise multimodal de discurso (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) e as categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” de Reinhart Koselleck (2006). A abordagem aqui desenvolvida analisou a construção de categorias conceituais do tempo, a partir da produção discursiva de significados, por meio de uma fonte imagética. Se a tensão entre experiência e expectativa é produzida pelas “pessoas que atuam ou que sofrem” a história (KOSELLECK, 2006, p.306), podemos relacionar a produção do tempo histórico com as ferramentas produzidas na linguagem em atividade: signos, metáforas, comportamentos, símbolos compartilhados, ações coletivas, formas linguísticas e não-linguísticas, com força social, baseadas em entendimento mútuo.

**Artigo recebido em 16 de abril de 2020.**

**Aprovado para publicação em 03 de junho de 2020.**

### **Referências**

ALJARO, Eduardo. Una vida al servicio del ejército: el general Manuel Baquedano González. *Panorama de Historia Militar*: set. 2018.

BENGOA, José. Los Mapuches: historia, cultura y conflicto. Paris: *Cahiers des Amériques latines*, 68, pp. 89-107, 2011.

BUGUEÑO, Joaquin Rozas; MAILLET, Antoine. Entre marchas, plebiscitos e iniciativas de ley: innovación en el repertorio de estrategias del movimiento No Más AFP en Chile (2014-2018). *Izquierdas*, 48, nov. 2019, pp. 1-21

CARRASCO, Recaredo; STRAJILEVICH, Marco. ¿AFP para quién? Dónde se invierten los Fondos de Pensiones en Chile. Ideas para el Buen Vivir. *Fundación Sol*, n.º 15, mai. 2019

FAÚNDES, Juan. Chile despertó: El modelo chileno, la matriz de desigualdad y la protesta de 2019. *Crítica y Resistencias: revista de conflictos sociales latinoamericanos*, n. 09, pp. 54-69, 2019.

FUENTES, Claudio. *El fraude: crónica sobre el plebiscito de la Constitución de 1980*. Hueders, 2013.

GALEANO, Eduardo. *Las palabras andantes*. Buenos Aires: Catálogos, 2001.

GISLETTI, Maria.; MONTERO, Claudia. El octubre chileno: voces y luchas feministas. *Descentrada*, v. 4, n. 1, p. e111, 6 mar. 2020.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais no início do século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2011.

HIDALGO, Susana. Re-evolución. 2019. 1 fotografia. 816 x 600 pixels. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4EFvVzFcjv/>. Acesso em: 24 nov. 2019.

HIDALGO, Susana. 'O Chile acordou': autora da foto viral que marcou protestos conta o que sentiu ao capturar imagem. [Entrevista concedida a] Maria Carmo. *BBC*, Buenos Aires, 29. out. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50229216>. Acesso em 30 mai. 2020.

HUANG, J., THORNTON, K.M., EFTHIMIADIS, E.N.: Conversational tagging in twitter. In: *The 21st ACM Conference on Hypertext and hypermedia*, 2010, pp. 173–178.

KYWE, Su Mon; HOANG, Tuan-Anh; LIM, Ee Penn; Lim EP et al. On Recommending Hashtags in Twitter Networks. In: Aberer K., Flache A., Jager W., Liu L., Tang J., Guéret C. (org). *Social Informatics*. Berlim: Springer, 2012, pp.337-350.

LEE, Carmen; CHAU, Dennis. Language as pride, love, and hate: archiving emotions through multilingual Instagram hashtags. *Discourse, Context and Media*, vol. 22, abr. 2018, pp. 21-29.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-RIO, 2006.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. Londres: Routledge, 2006.

LEPE, Nathaly. Y qué pasó con la Plaza de la Dignidad: Google Maps corrige cambio de nombre de Plaza Baquedano. *Publimetro: Santiago do Chile*, 12 nov. 2019. Disponível em: <https://www.publimetro.cl/cl/social/2019/11/12/plaza-la-dignidad-plaza-baquedano-google-maps-correccion.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

## **A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo**

MARIMÁN, Pedro. La Diáspora Mapuche: una Reflexión Política. *Centro de Estudios y Documentación Mapuche-Liwen*, Temuco, Chile, 1997, pp. 216-223.

PNUD. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2019*. Nova York: PNUD, 2019.

ROBERTS, Kenneth. (Re)Politicizing Inequalities: Movements, Parties, and Social Citizenship in Chile”, *Journal of Politics in Latin America*, 8: 3, 2016, pp. 125–154.

SEPÚLVEDA, Daniela. Memoria y reparación: el tratamiento institucional a las víctimas de violación de Derechos humanos en Chile. *Revista de Ciencia Política*, vol. 52, n. 1, 2014, pp. 211-227.

STATCOM. *Encuesta de opinión y percepción del Sistema de Pensiones en Chile*, Informe Final, Diciembre, 2014. Preparado para: Comisión Asesora Presidencial sobre el Sistema de Pensiones, Santiago do Chile, dez. 2014.

ZÁRATE, Verónica. “¡Estamos en guerra, señores!”: el régimen militar de Pinochet y el “pueblo”, 1973-1980. *História*, 43, vol. I, jan-jun, 2010.